



Depois de intensas negociações o governador fechou uma aliança com José Roberto Arruda para as eleições de outubro. "Como eu estou voltando para a vida pública, e volto com muita humildade, vou disputar, se for possível, a cadeira na Câmara Federal", disse o ex-governador

Ibaneis e Arruda juntos com o aval de Bolsonaro

» ANA MARIA CAMPOS

Mais uma reviravolta na campanha do Distrito Federal: os dois candidatos que lideram as intenções de votos na disputa ao Palácio do Buriti, o governador Ibaneis Rocha (MDB) e o ex-governador José Roberto Arruda (PL), decidiram seguir juntos nas eleições deste ano. Os dois rivais vão evitar um embate que poderia ser sangrento, com o racha em um grupo que estava unido, e juntaram forças em nome de interesses políticos.

Ibaneis será candidato à reeleição com uma coligação ampla. Arruda concorrerá a um mandato de deputado federal, com café de campanha ao governo. Ao retirar o possível projeto ao Executivo, Arruda conseguiu recolocar a mulher, a deputada Flávia Arruda (PL-DF), na condição de única candidatura da chapa de Ibaneis ao Senado. Lançada por Ibaneis como aliada na corrida ao mandato de oito anos, a ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos Damares Alves (Republicanos) não será candidata ao Senado.

Damares tem duas opções: concorrer como deputada federal ou retornar ao governo Bolsonaro como ministra. A segunda opção é a mais provável. Ela poderá fazer campanha pelo país pela reeleição de Bolsonaro ao lado da primeira-dama, Michele Bolsonaro, de quem é muito próxima.

Na condição de candidata à Câmara, Damares poderia tumultuar a chapa de deputados federais do Republicanos, que hoje conta com nomes como o deputado federal Júlio César Ribeiro, que concorre à reeleição, ou o ex-secretário de Ciência e Tecnologia Gilvan Máximo.

A deputada federal Celina Leão (PP-DF) manteve-se como o nome para disputar como vice na chapa de Ibaneis. Ela foi uma das principais articuladoras da reação de Ibaneis ao crescimento de Arruda, quando costurou, ao lado do ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, presidente nacional do PP, a formação de uma chapa em que Arruda ficaria sem dois importantes partidos da base bolsonarista na eventualidade de concorrer ao GDF.

O acordo foi selado com a chancela de Jair Bolsonaro. O presidente se reuniu com Arruda ontem à tarde que fez um relato da situação atual dos partidos no Distrito Federal divididos entre as duas candidaturas.

Divulgação



Com chancela do presidente Jair Bolsonaro, Ibaneis Rocha e José Roberto Arruda fecham acordo, no Palácio do Planalto, em chapa única nas eleições de outubro

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ibaneis: "Foi um gesto de grandeza do governador Arruda e da Damares"

Depois da explanação, Bolsonaro chamou no Planalto o governador Ibaneis Rocha, a deputada Flávia Arruda e Damares.

Lá, abençoou a aliança. Damares assegurou que seu líder é Bolsonaro e atenderia qualquer apelo que partisse da Presidência. Ibaneis e Arruda toparam a união dos projetos. Agora o governador e a deputada Flávia Arruda deverão

se sentar para montar conjuntamente um programa de governo em torno de 10 metas, com contribuições da gestão Arruda. "Foi o melhor para a cidade e para o Brasil", disse Ibaneis ao **Correio**. E acrescentou: "Foi um gesto de grandeza do governador Arruda e da Damares em favor a união."

Na foto final, todos pareciam sintonizados e falando a mesma

língua. "O governador Ibaneis se comprometeu a apoiar o presidente em Brasília. Com isso, as candidaturas naturais são a reeleição do governador Ibaneis e a candidatura da Flávia ao Senado. E, como eu estou voltando para a vida pública, e volto com muita humildade, vou disputar, se for possível, a cadeira na Câmara Federal", afirmou Arruda. "Se houver um percalço, que espero que não haja, eu não prejudicarei a aliança maior que é entre os dois — Ibaneis e Flávia — e esta está selada com meu apoio", acrescentou.

Há semanas, Arruda vinha conversando com Ibaneis e interlocutores sobre uma possível aliança. Mas também sinalizava a vontade de concorrer a um novo mandato ao governo desde que obteve uma liminar do presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Humberto Martins, que lhe devolveu os direitos políticos.

Para evitar confronto

A união, como em todo acordo, atende a interesses dos dois

lados. Um cenário em que Ibaneis e Arruda disputassem as eleições representaria um risco para ambos. Segundo Pesquisa Quæst, divulgada pelo **Correio** no último domingo, eles estavam tecnicamente empatados, tendo Ibaneis, com 28% das intenções de votos, e Arruda, com 25%. A margem de erro é de 2,5 pontos percentuais para mais ou para menos.

O racha também poderia facilitar o crescimento de um concorrente de esquerda ao Senado. Com a divisão, se Arruda disputasse o governo, Flávia Arruda dificilmente concorreria ao Senado. É que uma campanha de governador precisa buscar aliados para compor a chapa majoritária. Arruda teria de abrir espaço para composições políticas. Mesmo como favorita, Flávia seria levada a buscar um mandato de deputada federal. Agora ela pode perder, mas começa a campanha como favorita.

Atrapalhar a candidatura de Flávia seria também um desgaste familiar, para o casal que tem duas filhas. Para o presidente Jair Bolsonaro, seria ruim porque o

Palácio do Planalto impulsionar a eleição de um senador de oposição. Novata na política, Damares poderia perder a eleição ao Senado por algum candidato mais conhecido.

No caso de Ibaneis, o problema seria prosseguir na disputa ao lado de Damares, contra Arruda e Flávia Arruda, nomes que contariam com o apoio de Bolsonaro. Sem contar os outros candidatos da base do ex-presidente Lula, o deputado distrital Leandro Grass (PV), da federação PT-PV-PCdoB, além de Rafael Parente (PSB) e Keka Bagno, da federação PSol-Rede Sustentabilidade. Ibaneis vai enfrentar ainda os senadores José Antônio Reguffe (União), Leila Barros (PDT) e Izalci Lucas (PSDB).

Arruda disse ao **Correio** que o acordo fortalece o palanque de Bolsonaro no DF: "No plano nacional, foi uma boa composição política. A Flávia foi ministra do presidente Bolsonaro e não poderíamos permitir a desunião da base dele no DF. No campo local, há alguns ajustes. Mas foi positivo", afirmou o ex-governador.

Minervino Júnior/CB



Paula Belmonte pré-candidata

A deputada Paula Belmonte (Cidadania-DF) foi lançada como pré-candidata ao Governo do Distrito Federal pela Federação PSDB-Cidadania, na noite de ontem. Agora, a parlamentar enfrenta outro desafio: a disputa com o senador Izalci Lucas (PSDB-DF), presidente do colegiado na capital, que também quer concorrer ao cargo.

Ao **Correio**, Belmonte afirmou que a escolha se deu por articulação política. "Nós entendemos o trabalho do senador Izalci, só que ele, e foi isso que foi colocado na

reunião de federação, é um candidato de si próprio", disse. "A gente não pode trazer uma candidatura com tanta responsabilidade para o Distrito Federal, com necessidade de transformação, com as pessoas passando fome, com a saúde do jeito que está, fazer isso ser uma candidatura sozinha", concluiu.

O presidente nacional do Cidadania, Paulo Freire, também afirmou que a federação deve fazer novas análises pela escolha do nome ao GDF. "Vamos ter discussões no colegiado da federação do

Distrito Federal, articulação com outras forças políticas e, óbvio, a definição a partir da viabilidade política eleitoral e, principalmente, aqueles que tenham condições efetivas de articular uma grande frente", disse, em vídeo divulgado ao lado de Belmonte.

Procurado pelo **Correio**, Izalci respondeu, em nota, que segue na disputa ao Buriti. "A federação decidiu lançar uma candidatura própria, o que é um movimento importante para a indicação do meu nome, porque sempre fui contra a

ideia de apoiar outra candidatura ao governo. Continuo candidato ao governo pela federação", diz o comunicado.

O anúncio de Paula Belmonte ocorreu depois de uma reunião do colegiado nacional que une as legendas. Belmonte e Izalci disputam quem será o candidato majoritário pelo grupo no DF. De um lado, o partido da deputada tem mais votos na capital. Do outro, o senador tem a maioria no colegiado nacional — composto de 15 membros do PSDB e quatro do Cidadania.